

O rádio de Mario Kaplun é o rádio do futuro - a aplicação da práxis de Kaplun como ferramenta para a inclusão digital

André Barbosa Filho¹
abarbosa@planalto.gov.br
Cosette Castro²
cosette@mercurio.unisinos.br

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo mostrar a aplicabilidade das propostas de inter-relação entre os grupos de produção de conteúdo e os de recepção apresentados por Mario Kaplún, tendo como método de ensino por processo a partir dos conceitos de Juan Díaz Bordenave e Paulo Freire. O texto pretende mostrar o potencial da mediação como instrumento de construção do conhecimento através da prática de conteúdos sonoros usando aplicativos tecnológicos em áudio disponíveis. O exemplo utilizado é a proposta da "Áudio-Aula", módulo pedagógico idealizado para utilização em ambiente escolar em nível do ensino fundamental que pode ser levada a outros setores sociais.

Palavras-Chave:

Rádio Digital – Mario Kaplún – produção - recepção

Resumen:

Ese trabajo tiene como objetivo enseñar la aplicabilidad de las propuestas de interrelación entre los grupos de producción de contenido y los de recepción presentados por Mario Kaplún, como método de enseñanza por proceso a partir de los conceptos de Juan Díaz Bordenave y Paulo Freire. El texto pretende también el potencial de la mediación como instrumento de conocimiento a través de la práctica de contenidos sonoros utilizando

¹ Doutor em Comunicação pela USP, atualmente é assessor da Casa Civil da Presidência da República. Autor dos livros "Gêneros Radiofônicos" (2002) e "Rádio: Sintonia do Futuro" (2003).

² Doutora em Comunicação e Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona – ES, coordena o núcleo de pesquisa e atendimento pedagógico da Fundação Padre Urbano Thiesen. É professora de Comunicação na Unisinos/RS.

aplicativos tecnológicos en audio disponible. El ejemplo utilizado es la propuesta de “Audio Aula”, módulo pedagógico idealizado para la utilización en ambiente escolar en nivel de la enseñanza fundamental que puede ser llevada a otros sectores sociales.

Palabras-clave:

Radio Digital - Mario Kaplún – producción – recepción

Introdução:

*“Qual é a razão pela qual alguns podem nomear o mundo
e outros não têm esse direito?”*
Hugo Russo, Margarita Sgró e Andrea Díaz, 1999.

O mundo do rádio é um mundo repleto de sons e palavras que possibilitam dar asas à imaginação. O mundo de Mario Kaplún segue uma trajetória parecida: é repleto de sons, imagens e palavras singulares caracterizado por um conjunto de fatores. Esse conjunto de fatores vai muito além do reconhecido pelo âmbito racional, pois pode ser (e é) intensamente percebido, sentido. Esta composição, que mistura teorias e sensações, é a representação de uma sólida matriz intelectual e de uma dinâmica que se apresenta como legado aos professores e pesquisadores interessados no ato de comunicar com fins educativos. A junção de comunicação e educação pode ser observada em Kaplún a partir da decisão inabalável de conduzir suas idéias e ações inteiramente voltadas para a construção de métodos de apoio ao ensino sob o ponto de vista do respeito ao educando. Esse é um dos temas que trataremos neste artigo.

Os desafios epistemológicos propostos por Mario Kaplún podem ser traduzidos no questionamento sobre a razão para educar e tem uma simbólica resposta no já clássico trabalho sobre produção radiofônica. Escrito em 1978, o livro do autor argentino que adotou o Uruguai como lugar de trabalho e pesquisa já anunciava naquela época que “ a questão não é só do quanto podemos fazer, mas também de como podemos fazê-lo”³. Desde então, ele mostrava sua inspiração no trabalho de Paulo Freire e tentava conciliar prática e teoria. Freire já afirmava no começo dos anos 70 que a teoria separada da prática torna-se *verbalismo inoperante* e a prática sem teoria torna-se um *verbalismo cego*.

E esta é a escolha metodológica de Kaplún, ao apresentar sua prática afirmando que é preciso trabalhar nos dois campos, pois “ de pouco servem as técnicas sem uma base teórica”. De acordo com o autor não é possível abordar uma tarefa de educação,

³ KAPLÚN, Mario. *Producción de Programas de Radio. El guión. La realización*. Quito: CIESPAL, Colección Initiyán, 1978, p. 25.

independente do instrumento de comunicação utilizado, “ sem ter claro previamente o tipo de pedagogia temos de adotar e que função assinalamos em nossa função educativa”⁴. Ou seja, desde aquela época Mario Kaplún estava preocupado não apenas com o caráter educativo da função comunicativa, mas também com o seu caráter político⁵.

Como comentamos anteriormente, outro fator estruturante do seu trabalho diz respeito à observação a preceitos, muitos deles desenvolvidos pelo educador brasileiro, Paulo Freire. Exemplo disso é que acreditava que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho; os homens se libertam em comunhão”⁶. Aliás, comunicação é uma palavra intrinsecamente ligada a palavra comunhão devido a sua raiz latina. Ou seja, a comunicação entendida no sentido latino da palavra representa, para além do comunicativo, comunhão, comunidade; significa compartilhar informações e saberes sem restrições de raça, cor, religião, gênero, origem, idade, nível educacional ou econômico. Significa também olhar e escutar o Outro⁷, seja o desconhecido que se encontra na rua, o que olha através da televisão ou escuta o rádio, colaborando para que ele desenvolva-se como sujeito.

Comunicação e Recepção

Há várias razões para valorizar o rádio, seja ele em sua versão analógica ou digital ou ainda através dos modelos educativo, comercial ou comunitário. Uma delas é que, para receber a mensagem do rádio não é necessário saber ler. E no Brasil ainda existem 14 milhões de analfabetos, segundo o IBGE. Além disso, o rádio, por não possuir imagens, permite explorar a imaginação dos ouvintes, através de diferentes tipos de relatos. Some-se a esses dados os 30 % de analfabetos funcionais que o país possui e a importância do rádio aumenta ainda mais, pois pode colaborar para que esses públicos -que não praticam a

⁴ Ibidem página 26.

⁵ Freire fala em *politicidade da educação*, como a qualidade da educação de ser política. Para o autor brasileiro, não se pode falar em uma dimensão política da educação, porque toda ela é política.

⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, p.52.

⁷ O uso do O em maiúscula se refere ao reconhecimento de que há algo aí fora, há alguém que é distinto a mim, que não sou eu, mas que ocupa a mesma paisagem social. O Outro, como bem recorda Roger Silverstone em *Por que estudar a mídia?*, o Outro inclui pessoas que conheço e das quais nunca ouvi falar, pois se trata de alteridade.

leitura e a compreensão de textos - possam entender com mais facilidade o que lêem, escutam ou vêem.

Esta não é uma preocupação que aparece apenas no século XXI. Em plenos anos 70, Mario Kaplún já estava discutindo essas questões no livro *Producción de Programas de Radio*, quando levantou a necessidade de que pesquisadores e profissionais pensassem além das técnicas radiofônicas. Naquele momento, ele colocava a urgência de refletir sobre uma pedagogia do rádio, tendo como premissa a inquietude educativa. “O rádio pode ser útil para aqueles que o concebem como um instrumento de educação, de cultura popular e de promoção de um autêntico desenvolvimento a partir de sua função social” (1978:17). Ou seja, o papel do rádio deveria ir muito além dos programas, dos comerciais e das estatísticas sobre as audiências. A função social do rádio deveria priorizar seus públicos, respeitando suas culturas

Kaplún esteve à frente de algumas discussões que começaram a ter peso nos anos 90, quando os pesquisadores latino-americanos voltaram seus olhos para o campo da recepção e da cultura. Vinte anos antes, o pesquisador trazia a público a discussão sobre alta e baixa cultura denunciando a visão elitista de muitos profissionais da comunicação e educadores. Não é por acaso que sua compreensão sobre cultura é muito mais ampla, pois não separava a cultura da vida concreta, da realidade das populações latino-americanas, sejam elas de língua espanhola ou portuguesa. Segundo o pesquisador (1978:21), cultura é o que serve para o homem, o que serve para a comunidade para sua própria construção social e humana. “Não há cultura a margem do homem que a cria. Cultura não é mera acumulação de conhecimentos alheios ao seu conhecimento, ao seu aqui e agora. Cultura é consciência para compreender melhor o próprio mundo”.

Ele mostrou que para muitos especialistas, o cultural é entendido como o contrário do popular, pois uma sinfonia de Haydin ou a estréia de um balé são considerados eventos culturais, mas uma dança ou artesanato indígena não o são. Atualizando o discurso de Kaplún para o século XXI, basta observar o discurso de alguns intelectuais sobre a música jovem. Ainda hoje, alguns estudiosos teimam em afirmar que música clássica é educativa, mas rock (nacional ou estrangeiro) não, como se apenas um estilo tenha potencial educativo. Isso porque o conceito de bom (e mau gosto) ainda é analisado desde o ponto de vista das

elites e não desde o ponto de vista das classes populares⁸. Em *Los Ejercicios del Ver*, Jesús Martín-Barbero⁹ e Germán Rey (1999:16) retomam esta discussão:

“ (...) queda ahí al descubierto el pertinaz y soterrado carácter elitista que prolonga esa mirada: confundiendo iletrado con inculto, las elites ilustradas desde el siglo XVIII al mismo tiempo en que afirmaban el pueblo en la política lo negaban en la cultura, haciendo de la incultura el rasgo intrínseco que configuraba la identidad de los sectores populares, y el insulto con que tapaban su interesada incapacidad de aceptar que en esos sectores pudiera haber experiencias y matrices de otra cultura”.

Bourdieu (1984), no livro *A Distinção*¹⁰, mostra o combate que ocorre no campo cultural aonde se opõe uma disposição estética caracterizada por um gosto “puro” a uma “estética popular”, caracterizada por um gosto “bárbaro”, que correspondem às práticas culturais das classes dominantes e das classes populares. A primeira serve, por sua ostentação de uma erudição estética, para mostrar distinção; a segunda permite uma fusão no acontecimento coletivo. Isso não ocorre por acaso. Os livros até pelo menos os anos 50/60 eram escritos, as aulas eram ministradas e a maior parte das teorias no campo da Sociologia, da Pedagogia, da Antropologia, Comunicação e da cultura por membros da elite e a partir dos seus pontos de vista sobre o mundo.

Esse mesmo ponto de vista elitista afirmava que o indivíduo se educa apenas durante os anos da infância e adolescência, recebendo sua educação dentro das salas de aula. Kaplún rebate essas teorias defendendo a concepção de *educação permanente*, pois as pessoas se educam durante toda a vida, “em um processo que inclui toda classe de situações e estímulos” (1978:19). Para o pesquisador,

“(…) el niño se educa también en el hogar, en la calle, jugando con sus amigos, escuchando a su madre el cuento de ‘Caperucita Roja’, oyendo radio, mirando

⁸ Essa discussão aparece nos anos 60/70 nos Estudos Culturais Britânicos a partir da chegada de um outro tipo de intelectuais às universidades; intelectuais que não vinham da elite, mas das classes populares, como Raymond Williams, Stuart Hall, etc. Na América Latina esses estudos aparecem na área pedagógica com Paulo Freire no começo dos anos 70.

⁹ Martín- Barbero no clássico *De los Medios a las Mediaciones* (1987) retoma essa discussão na América Latina.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre (1984). *Distinction. A Social Critique of the Judgement of Taste*. London: Routledge.

televisión. Ya está recibiendo estímulos educativos cuando, a los tres años o acaso aún antes, sus padres lo sientan ante el televisor 'para que se entretenga' mirando cartoons de Tom y Jerry". (...) Y ya de adulto, sigue recibiendo estímulos educativos en la calle, en el trabajo, en su contacto con los medios de comunicación, en el estadio deportivo, en la relación con sus vecinos, amigos y compañeros, en los centros de reunión a los que asiste, etc".

Transportando esse pensamento para a Comunicação, é possível dizer que, embora sem explicitá-lo literalmente, Kaplún estava falando das diferentes mediações que transformam nosso olhar sobre o mundo. As mesmas mediações das quais falariam anos mais tarde Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco de forma sistematizada e ampliada. Mas o tema deste trabalho é a relação de Mario Kaplún com o rádio como práxis educativa e libertadora, através da educação radio fônica. Por isso nos interessa ir além das categorias que separam a dimensão informativa do entretenimento, como se fossem excludentes. Partimos do princípio – a exemplo do pesquisador - que todo programa educa de alguma maneira, já que todos influem na formação de valores e nas pautas de comportamento do público.

Comunicação e Educação

Para tratar da pedagogia radiofônica, Kaplún inclui em suas reflexões a obra do educador paraguaio Juan Díaz Bordenave. Este, preocupado em estabelecer contornos para os estudos da pedagogia do conhecimento, segue o itinerário da taxionomia ao apontar três caminhos para a educação: a que põe ênfase nos *conteúdos*, a que ressalta os *resultados* e a que destaca os *processos*¹¹. Kaplun dá como exemplo do *modus* educacional que tem os *conteúdos* como base, um dos tópicos revolucionários do pensamento de Paulo Freire, que o classifica como um exemplo do procedimento educativo formal ou “bancário”¹² por seu desrespeito pelo universo de conhecimento do educando e que “corresponde a educação tradicional, baseada na transmissão de conhecimentos e valores de uma geração a outra, do professor ao aluno, da elite às massas. Tende a ser vertical, geralmente autoritária e muitas vezes paternalista”¹³.

¹¹ BORDENAVE, Juan Diaz. Las Nuevas Pedagogias y Tecnologias de la Comunicació: sus implicaciones para la investigación. Cali: CHD, 1976 (mimeo).

¹² Op. Cit. p. 57 e sgs.

¹³ Op. Cit. p. 27 e sgs.

O que se pretende ressaltar aqui é que, tendo em vista os projetos de educação de caráter radiofônico, ao seguir este modelo o texto, o *conteúdo*, estará encapsulado e construído sobre os conceitos que o (a) professor/comunicador (a) considera relevantes, concretizado em cartilhas impressas, cujos exemplos e exercícios se devem cumprir sem discussão. De acordo com Paulo Freire, na educação bancária ao educador cabe o papel de interpretar o mundo e transmitir essa interpretação, enquanto ao educando cabe escutar, sem direito a nomear o mundo a partir de suas próprias palavras.

Pela tipologia de Juan Bordenave, o segundo tipo de modelo educativo é o que tem como meta os *resultados*. Este é, por excelência, o pensamento que acompanha a tradição econômica do desenvolvimentismo clássico, segundo as ideias de Celso Furtado¹⁴. Kaplún assinala que, como contraponto a questão recorrente do sub-desenvolvimento, surge uma corrente de pensamento por volta dos anos de 1950, cuja síntese pode ser encontrada na palavra “modernização” ou: “(...) na adoção das características e dos métodos de produção dos países desenvolvidos”¹⁵.

Reportando-se a textos de capacitação do final dos anos 50, Kaplún nos diz que o comunicador, nestes tempos de pós-guerra, tornou-se uma espécie de arquiteto da conduta humana, “um praticante da engenharia do comportamento, cuja função é induzir a população a adotar determinadas formas de pensar, sentir e atuar que lhes permitam aumentar sua produção e sua produtividade e elevar seus níveis e hábitos de vida”¹⁶. Neste cenário, desenvolve-se a engenharia do comportamento. Seus teóricos diziam que

¹⁴ FURTADO, Celso. *Dialética do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. Celso Furtado encara o papel do Estado e da maior participação política dos setores populares como uma forma superior e inevitável de organização das relações sócio-econômicas na sociedade moderna. Os conceitos que fundamentam esta afirmação se encontram na primeira parte de *Dialética do Desenvolvimento* e formam uma teoria da mudança social. No entanto, Furtado detecta que as relações econômicas, principalmente com as inovações científicas, têm mudado com muito mais rapidez que a superestrutura social, criando uma pressão por transformações. A técnica assumiria o papel genético de transformação, possibilitando descortinar uma ordem de mudança na evolução histórica.

¹⁵ Op.cit. p. 28.

¹⁶ Op. cit. p. 29.

“(...) comunicar-se não é apenas o ato de emitir mensagens ou sinais nem a ação de usar meios ou canais. Comunicar é o ato de provocar significados e produzir comportamentos; é suscitar mudanças no pensamento, no sentimento e na ação das pessoas. Comunicar é emitir mensagens com a intenção definida de lograr que as pessoas se comportem de um certo modo em particular...”¹⁷.

É importante frisar que Kaplún não retira deste modo de educar por *resultados* a preocupação com a pessoa humana. Ele mesmo ressalta que se estabeleceu um vasto estudo psicológico por trás desta corrente, conhecida como *behaviorista* ou comportamentalista¹⁸. Entretanto, esta linha de pesquisa em Psicologia desenvolvida nos EUA não procurou estabelecer o pleno desenvolvimento autônomo da personalidade do indivíduo, mas sim, manipular as atitudes de acordo com planos pré-determinados.

Este tipo de conduta educacional por *resultados* apresenta vantagens sobre o modelo educacional dos *conteúdos*, seja em termos de eficiência como de eficácia. São utilizadas largamente ainda hoje pelas rádios educativas durante a veiculação de campanhas massivas. Geralmente compostas por pequenas peças de 15 a 30 segundos cada, trazem claramente a forte influência do formato publicitário, principalmente por sua elaboração ser proveniente das agências de propaganda.

Os três pesquisadores, Mario Kaplún, Juan Díaz Bordenave e Paulo Freire, são unânimes em afirmar que o risco de educar pelos meios eletrônicos para alcançar metas premeditadas, é incentivar ao público não buscar por si próprio as respostas aos estímulos, mas recebê-las prontas, acabadas e bem *embaladas*. Além disto, estão reforçados nestas mensagens o incentivo ao consumo, a realização individual, a competição, a rentabilidade e a competência, como ferramentas para a realização pessoal. Idéias como cooperativismo, associatividade, valores solidários não são prioridade nesta proposta. Os radiodifusores e produtores ao defenderem estes formatos provavelmente desconhecem os efeitos da opção por um modelo educativo de *resultados* em sociedades carentes de formação básica e cujas demandas dependem do esforço coletivo para se realizarem satisfatoriamente.

¹⁷ Op. cit. p. 29.

¹⁸ *Behaviorismo* é uma palavra de origem inglesa, que se refere ao estudo do comportamento. "Behavior", em inglês. O Behaviorismo surgiu no começo do século XX como uma proposta para a Psicologia, para tomar como seu objeto de estudo o comportamento, ele próprio, e não como indicador de alguma outra coisa, como indício da existência de alguma outra coisa que se expressasse pelo ou através do comportamento.

Bordenave aponta um terceiro caminho para a educação através do rádio: a que ressalta o *processo* educativo em si. Paulo Freire denomina a esta forma de educar como ‘educação libertadora ou problematizadora’¹⁹. E coloca um desafio para a sua construção: “ a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educando”. Isso porque cada um, educador e educando precisam superar as diferenças oriundas de um universo de vivências, valores, crenças e normas morais que constituem um mundo da vida que não é compartilhado.

A questão de fundo é que esta escolha educacional tem como objeto a realização integral do homem. Ela atende as questões práticas do desenvolvimento, mas não é esse o seu direcionamento principal. Os conteúdos são postos em discussão para a construção do cidadão crítico de sua própria realidade. E, logicamente, para criar condições de atender a uma proposta de relacionamento plural, multicultural, multi-étnico e, principalmente, solidário.

A Proposta do Áudio Aula²⁰

Para além da teoria, esta reflexão também busca contribuir com a ação educativo-comunicadora através das ondas do rádio, seja ele analógico ou em sua versão mais avançada, digital. Isso porque acreditamos que independente do veículo e da tecnologia a ser utilizada, a função social dos comunicadores deve estar sempre em primeiro plano desenvolvendo projetos que colaborem para o desenvolvimento de sujeitos ou comunidades mais críticas. A proposta a seguir aponta para as possibilidades de informação e conscientização através das experiências sonoras em sala de aula.

Apesar de reconhecerem a importância de projetos de Rádio Escola e assemelhados no interior das instituições onde participam docentes e comunicadores, nem todos aceitam o envolvimento de profissionais do rádio no projeto. Ainda assim, a maioria vê este tipo de

¹⁹ Para Freire, trata-se de uma educação na qual a relação educador-educando desaparece e é substituída por uma relação entre iguais que buscam, a partir da sua cotidianidade, construir uma visão crítica do mundo. Freire, Op. cit. p. 68.

²⁰ Mais detalhes sobre o projeto áudio aula podem ser obtidos na Revista Comunicação & Educação, nº 02/2005, onde o pesquisador André Barbosa Filho explica a proposta e avalia experiências realizadas no Estado de São Paulo.

processo de aprendizagem como um desencadeador da construção crítica devido à produção ser realizada pelos próprios alunos com orientação dos professores, possibilitando, também, o ensino da linguagem radiofônica, primordial no desenvolvimento dos formatos sonoros.

Há a tendência em qualificá-la como instrumento de ensino para trabalhar as questões pedagógicas no contexto social em que a escola está inserida. Percebe-se, também uma simpatia por parte dos professores coordenadores com a linguagem sonora e também com o veículo rádio. Aceitam-no e entendem que a escola não deve viver apenas de giz e do quadro-negro. É preciso atentar para o contexto pedagógico que envolverá o projeto como um todo, não como um projeto isolado para o aluno passar o seu tempo ou brincar de radialista sem nenhum comprometimento com o ensino/aprendizagem, mas relacionando-o com outras disciplinas e com a sua realidade.

Dentro deste contexto, o projeto *Áudio Aula* tem como eixo o ensino das práticas pedagógicas, dispostas a partir dos conteúdos programáticos ministrados na sala de aula, com os seguintes objetivos, conforme Assumpção (1999)²¹ :

- A democratização da comunicação, tornando-se os sujeitos ativos de sua própria comunicação
- A familiarização com a linguagem sonora
- O intercâmbio de informação e comunicação interescolares, ampliando o conhecimento cultural e pedagógico das escolas
- O conhecimento técnico e artístico da linguagem sonora utilizada pelas emissoras de rádio, produzindo a desmistificação dos meios de comunicação de massa
- O conhecimento das mensagens elaboradas por meio da edição e em seu estado bruto, envolvendo o conteúdo e os interesses da empresa radiofônica, quanto aos seus aspectos políticos, econômicos, sociais e ideológicos, os quais interferem na divulgação da informação. Ou seja, possibilitando uma leitura crítica do rádio

²¹ Assumpção, Zeneida Alves de. *Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau*. São Paulo: Anna Blume, 1999.

- A socialização do(a) aluno (a), por meio do trabalho radiofônico em equipe, desde a elaboração de pautas, roteiros, trilhas sonoras, musicais, locuções até a divulgação do programa sonoro em sala de aula, provocando a prática de cooperação social dos participantes
- A sugestão de novos temas a serem desenvolvidos – assuntos indicados pelos próprios alunos e professores conforme a observação e experimentação vivenciada durante a pesquisa do meio.

Metodologia da Áudio Aula

O processo educativo deve obedecer a ditames que se afastem dos modelos elaborados por educadores ao longo destes últimos 60 anos, desde os esforços pioneiros de Roquette Pinto e Humberto Mauro. Deve seguir, como salientamos na parte teórica desta reflexão, uma proposta educativa que valorize o processo, permitindo o desenvolvimento de sujeitos críticos. Como ensina Pierre Badin (1989),

“(...) o desafio da escola, hoje é de estabelecer a ligação que as coisas tem com a ação e a sabedoria de viver. Não uma escola-loja para consumir o saber, mas uma escola mesa. Mesa sobre a qual se coloca junto o que se aprendeu, a fim de ligar, isto é, de completar, relativizar, criticar e confrontar o aprendido com a sociedade e a ação...”²² .

Para o professor Onésimo de Oliveira Cardoso (1994), isso implica repensarmos o discurso pedagógico que cultiva o mito do enciclopedismo, sobrecarregando os alunos como se fossem burros. “Não entendem que a escola há muito deixou de ser o espaço daqueles que não sabem. Os alunos sabem, e sabem muito...”²³ . Por isso, temos dado ênfase às propostas teóricas de Paulo Freire, Mario Kaplún e Juan Díaz Bordenave que defendem a necessidade de respeitar o educando, suas vivências e o seu saber.

²² BADIN, Pierre, KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender – A geração audiovisual e do computador* . São Paulo:Paulinas, 1989, p.150.

²³ CARDOSO, Onésimo de Oliveira. *Comunicação e educação: novos meios, novas idéias*. In: Comunicação & Sociedade, n° 22. São Bernardo: UMESP, 1994.

Ao lado do esforço de campanhas oficiais de integração do aluno às novas mídias, segue a necessidade de aproximá-lo também do áudio, linguagem que através do rádio, seu suporte mais popular e completo, completa 80 anos de intensa convivência. No Brasil e na América Latina foram investidos milhões de reais em equipamentos audiovisuais, mas quanto se investiu em áudio, como linguagem plena?

Índices, pesquisas, enfim, dados diversos comprovam a penetração e a credibilidade do rádio como veículo de larga exposição de mensagens em todas as faixas populacionais, principalmente entre os jovens. É urgente sua utilização como meio propagador de conteúdos onde garanta presença afirmativa entre os diversos públicos²⁴. Através de características como a *sensorialidade*, da *vazão* a imaginação, obrigando a complementação da interpretação das mensagens pelo ouvinte e, portanto, exercendo a relação emocional presente nos diálogos. Já a *dinâmica* permite a rapidez na produção de conteúdos e a *invisibilidade* permite a audição das mensagens sem impedir a realização de outras atividades. Isso sem contar fatores como o *imediatismo*, a *instantaneidade* e o *baixo custo* que transformam o rádio num veículo rápido, versátil e acessível.

A construção de argumentos e conteúdos com o uso da plástica sonora possibilita, entre outras vantagens, a estreita relação com a literatura, estimulando ao leitor/ouvinte, a complementação através do entendimento do significado dos respectivos textos. Os cenários sonoros construídos como referência não restringem a criatividade, pois, como dissemos, estimulam-na através da percepção complementar do ouvinte. É bem diferente do audiovisual que, como toda a sua riqueza de detalhes, entrega ao espectador um produto pronto, acabado. No audiovisual tudo está ali, dado, mastigado, sem muito espaço para a construção do aprendizado a partir do universo pessoal do educando. Situações que a literatura e o áudio trabalham com uma propriedade inequívoca e as vezes pouco valorizada.

O áudio, por suas especificidades, pode estar ao lado do livro em muitas situações, podendo o ouvinte, tornar-se rapidamente, leitor, desde que estimulado para isso. Ou seja, o adolescente, acostumado ao som, a música, a fala, pode ser estimulado a ouvir

²⁴ BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos- os formatos e os programas em áudio*., São Paulo: Paulinas, 2003, p. 45 e sgs.

outros formatos, principalmente os relacionados com a dramatização sonora e buscar suas referências no texto impresso, que garante a perenidade da informação e o acesso aos conteúdos com extrema rapidez e facilidade, na quantidade de vezes que se fizer necessário.

Livro e áudio. Casamento perfeito, na escola e fora dela.

Esta idéia tem como base a utilização do binômio livro-áudio. E, para tanto, devemos tornar possível, ao público escolar, o contato com a linguagem sonora. Isto é, com a captação da voz humana através dos microfones e gravadores de áudio, com a criação de roteiros para os suportes sonoros, com diálogos, com a confecção de cenários através das trilhas de efeitos, com trilhas musicais, através do silêncio Tudo para que se possa partilhar na sala de aula, do ato de produzir e, em seguida, perceber o conhecimento construído²⁵, buscando no texto impresso a referência ao conteúdo sonoro em questão.

Propomos, como fluxo deste processo, os seguintes passos:

a) *Criação de peças sonoras/referência para audição em sala de aula.*

A áudio-aula.

Estas peças devem ser construídas com a participação dos professores que estarão, em sala de aula, trabalhando o processo sonoro. Oficinas pontuais devem ser realizadas para permitir o contato do docente com esta linguagem. Os conteúdos, obrigatoriamente, devem estar de acordo com o plano pedagógico ao qual se refere.

b) *Apresentação dos conteúdos sonoros em sala de aula.*

Discussão dos significados, simultaneamente a sua audição.

²⁵ BARBOSA FILHO, André *Uma nova perspectiva de produção sonora: os livros sonoros*. In: Revista Brasileira de Comunicação/INTERCOM, vol. XX nº1, p. 161-165.

c) *Preparação de novos conteúdos a partir de divulgação dos itens básicos para sua construção.*

Apresentação dos itens. Discussão da abordagem em classe. Montagem de roteiro sonoro. Captação dos sons (locução, trilhas, etc.)

d) *Gravação, edição e finalização da 'áudio-aula'.*

Alunos e professor constroem juntos a 'áudio-aula', utilizando os equipamentos de áudio.

e) *Audição da áudio-aula*

Alunos ouvem, em data específica e especial, a áudio-aula já finalizada, avaliando sua qualidade quanto à percepção da mensagem, tendo como referência, o produto final sonoro.

Considerações Finais

Independente do formato a ser utilizado na experiência sonora a ser desenvolvida em classe, o fato de professores de diferentes instituições de ensino e níveis de aprendizagem se proporem a abrir-se para este tipo de projeto já mostra um primeiro passo em direção a uma aula mais democrática e solidária. Uma aula que vá além da voz do professor e do já conhecido texto ofertado por intermédio do giz-e-quadro-negro ou, quando muito, impresso.

A possibilidade dos alunos trabalharem seu potencial criativo realizando atividades em diferentes formatos sonoros ou desenvolvendo o projeto Áudio Aula através da leitura de pequenos textos, contos ou poemas por exemplo, poderia extrapolar inclusive o universo escolar. Esse conhecimento poderia ser compartilhado e escutado por grupos de terceira idade, escolas com necessidades especiais, associações de bairros rádios comunitárias ou mesmo presídios onde quase inexistem projetos deste tipo.

Isso possibilitaria não apenas a valorização do professor na sala de aula, mas do conjunto dos alunos ao desenvolver um (ou mais) projetos que pudessem ser escutados muito além dos muros das escolas. Possibilitaria o desenvolvimento da auto-estima e do

sentimento solidário em diferentes níveis, pois os mesmos jovens poderiam realizar oficinas com outros grupos (de jovens ou de terceira idade, por exemplo), multiplicando e transformando o conhecimento adquirido.

Além de democratizar a comunicação e ajudar na familiarização do processo sonoro, este tipo de projeto possui uma proposta transformadora e revolucionária, pois os envolvidos não apenas tornam-se sujeitos da história, mas também têm a possibilidade de contá-la e divulgá-la através das ondas do rádio, sejam elas analógicas ou digitais.